



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

RENATA DOS SANTOS ALVES

CORPOESIA: UMA AUTOETNOGRAFIA
DO CORPO POEMA

BELÉM-PA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
CURSO LICENCIATURA EM DANÇA

RENATA DOS SANTOS ALVES

**CORPOESIA: UMA AUTOETNOGRAFIA
DO CORPO POEMA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Dança da Universidade Federal do Pará, como requisito à obtenção do título de Licenciado no Curso de Licenciatura em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Benedita Afonso Martins (BENE MARTINS).

BELÉM-PA
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

A474c Alves, Renata dos Santos

Corpoesia: uma autoetnografia do corpo poema -- 2023.

31 f.

Orientadora Prof^a Dr^a Benedita Afonso Martins (Bene Martins).

Artigo de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Dança, Belém, 2023.

1. Dança moderna. 2. Corpo como suporte da arte. 3. Corpo e movimento. I. Título.

CDD - 22. ed. 793.3

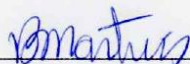
Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



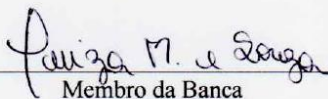
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
FACULDADE DE DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO


Aos treze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas e trinta minutos, na sala 16, da Faculdade de Dança - Curso de Licenciatura em Dança, reuniu-se a Banca Examinadora constituída pelas docentes: Prof^ª. Dra. Benedita Afonso Martins (Bene Martins) (Orientadora e Presidente da Sessão) e a Profa. Dra. Luiza Monteiro e Souza (Membro Interno), para proceder à avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CORPOESIA: UMA AUTOETNOGRAFIA DO CORPO POEMA**, de autoria da aluna: Renata dos Santos Alves, matrícula: 201806040011, da turma: 2018, do Curso de Licenciatura em Dança. Iniciado os trabalhos, a Presidente da Sessão apresentou as normas de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso e em seguida convidou a aluna para fazer a apresentação do trabalho. Após a exposição oral, a discente foi arguida pelos membros da banca, que atribuíram conceito Excelente ao seu Trabalho de Conclusão de Curso, tendo sido assim aprovado (aprovado/reprovado), conforme normas regulamentares. Nada mais havendo a tratar, eu, presidente(a) da banca, lavrei a presente ata que segue assinada por mim, pelos demais membros da banca examinadora do trabalho avaliado e pela aluna.



Presidente da Banca



Membro da Banca



Aluno (a)

Dedico está pesquisa a minha mãe, que sonhou com esse momento ao meu lado, que me incentivou e me deu forças para não desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a arte, por me proporcionar um caminho tão lindo com a dança e a poesia, por me dar possibilidades de dançar a minha dança.

Agradeço a minha mãe por investir no meu sonho e acreditar, até o fim, que eu iria conseguir, agradeço a minha mãe por sempre me dar ânimo de chegar em lugares mais altos.

Agradeço a minha orientadora, professora Bene Martins, por estar comigo e acreditar nesta pesquisa. Por me ensinar, e por me incentiva a criar, escrever e produzir arte/dança.

Agradeço às professoras Raquel Aquino, Ariane Pimentel, Suzana Luz, Luiza Monteiro e ao professor Ercy Souza que durante a minha trajetória na dança e na Licenciatura em Dança me incentivaram e me ajudaram a alcançar os meus objetivos como artista e professora de dança. Professores que me orientaram e me guiaram pelo caminho da docência. Os levarei pra sempre como grandes inspirações.

[...] A dança é o incêndio da beleza.
É corpo que se faz obra de arte e objeto de desejo.
Poesia que se liberta da palavra.
Oceano gestual de um mar ilimitado.
O corpo na Dança se faz um duplo ser
unidos braço a braço, perna a perna
torso e ventre e ventre e torso
unidos corpo e dança, dança e corpo
casto coito entre o sonho e a realidade.[...]

João de Jesus Paes Loureiro, 2003

CORPOESIA: UMA AUTOETNOGRAFIA DO CORPO POEMA

RENATA DOS SANTOS ALVES¹

BENE MARTINS²

RESUMO: Esta pesquisa apresenta a investigação preliminar do corpo-poema ao qual denominei Corpoesia³, na qual trago a relação da dança em meu corpo e as poesias escritas por mim. Corpoesia é a junção de dois substantivos: Corpo e Poesia, os quais me são claros no entrelace de gestos transfigurados (MENDES, 2010). Este neologismo se deu durante o caos de um ano pandêmico, com a perda de sua identidade, esse corpo precisou se encontrar e desencontrar, dissecando os caminhos por suas trajetórias na dança e na poesia. Houve, assim, o (re)encontro do corpo – dança e do corpo-poema⁴, entrelaçando a arte, criando o Corpoesia, tornando uma dança do eu, dança que vem do íntimo do intérprete criador. Este artigo tem como referência principal a autoetnografia, com a autora Sandra Meyer, partindo do fragmento de um estudo com o próprio corpo e a própria criação. Tornando-me criador e criatura, pesquisadora participante do meu processo criativo em dança.

Palavras-chave: dança contemporânea; corpo; poesia; movimento.

ABSTRACT: This research presents the preliminary investigation of the body-poem which I called Corpoesia, in which I bring the relationship between the dance in my body and the poems written by me. Corpoesia is the combination of two nouns: Body and Poetry, which are clear to me in the intertwining of transfigured gestures (MENDES, 2010). This neologism occurred during the chaos of a pandemic year, with the loss of its identity, this body needed to find and find itself, dissecting the paths of its trajectories in dance and poetry. There was, therefore, the (re)encounter of the body – dance and the body – poem, intertwining art, creating Corpoesia, making it a dance of the self, a dance that comes from the depths of the creative performer. This article's main reference is autoethnography, with the author Sandra Meyer, starting from a fragment of a study with one's own body and one's own creation.

¹ Graduanda em Licenciatura em Dança – UFPA.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil (2004); Professor Associado Quatro da Universidade Federal do Pará, Brasil. Orientadora.

³ Corpoesia é a palavra que denominei para minhas composições poéticas coreográficas durante a pesquisa.

⁴ Corpo-Poema é o corpo dramaturgia, ao qual me compreendo no início dos estudos na dramaturgia na dança

Becoming a creator and creature, a researcher participating in my creative process in dance.

Keywords: contemporary dance; body; poetry; movement.

Só há um templo no mundo e é o corpo humano.
Nada é mais sagrado que esta forma sublime.
Inclinar-se diante de um homem é fazer homenagem
a esta revelação na carne. Toca-se o céu quando se
toca um corpo humano.
(Friedrich Novalis)

DOS INÍCIOS DA DANÇA EM MIM

A dança sempre se fez presente na minha vida e na minha casa, desde muito cedo, ouvia as histórias do meu pai, contando sobre como ele dançava, na cidade dele, carimbó, quadrilha e entre outras danças regionais na sua cidade natal, Portel-PA, sempre ouvia aquelas histórias com muito entusiasmo. Fui cultivando um apresso muito grande pelos ritmos dançantes. A cada dia, percebia o quão os ritmos me tornavam mais viva. A dança fez e faz parte da minha vida. À época, eu sequer imaginava a grandeza, como afirma Novalis, desse corpo-templo sagrado, hoje, ao digitar a epígrafe, reconheço a importância de se pensar, sentir e tratar do corpo-alma-espírito, com atitudes fundamentais na nossa existência.

A minha trajetória com aulas regulares de dança começou em 2010, eu fazia parte de um projeto social da escola, Rui Paranatinga Barata, onde eu estudava e nesse projeto eu fazia dança clássica. Mas confesso que o desconforto por ter que ser sempre “perfeita” em meus gestos dançantes me incomodou, fiquei nesse projeto social durante quatro anos. Passado o tempo, comecei a fazer aulas de dança na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), continuando os meus estudos em dança clássica. E nas minhas vivências nas aulas pude entender que a dança faria parte de minhas escolhas pessoais e profissionais.

No ano de 2015, conheci a Companhia Moderno de Dança⁵, nesse ano, eu sabia que algo tinha mudado em mim, eu estava mais madura e queria experimentar novas

⁵ A Companhia Moderno de Dança é um coletivo artístico surgiu em 2002, Imbuído no desejo de vivenciar a arte do movimento de forma investigativa, implementou a dança imanente, teoria/poética/metodologia de criação em dança que orienta e constitui sua práxis.

danças, mas prometi para minha mãe que iria terminar o curso básico de dança clássica. Então, em 2016, entrei no Espaço Companhia de Dança, onde comecei minhas experiências na Dança Contemporânea, que até hoje faz parte da minha vida. No Espaço Companhia Moderno de Dança fiz parte do Grupo coreográfico⁶ e tive como minha primeira professora, de Dança Contemporânea⁷, Ariane Pimentel que até hoje é umas das minhas grandes referências na dança. Do Grupo Coreográfico passei para o Moderno em Cena⁸, que era como uma “preparação” para a Companhia Moderno de Dança, lá vivenciei experiências incríveis que fizeram parte das minhas descobertas enquanto artista.

Em 2018, eu ingresso no curso de Licenciatura em Dança, na Universidade Federal do Pará-UFPA, sendo encantada pelos estudos e performances do corpo, início, então, a pesquisa sobre o corpo. O corpo sempre me fascinou, não apenas fisicamente, mas enquanto corpo pensante, em movimento e contando histórias que não podem ser ditas com palavras, apenas com gestos transfigurados (MENDES, 2010) de movimentos.

Em 2020, no início da pandemia, me senti perdida, sem saber o que fazer ou sentir e sem vontade de produzir. Fique muito mal, pois, eu que já estava decidida e realizada no que fazer e viver me via aflita e sem esperança. Então precisei me lembrar, lembrar de toda a minha trajetória, de tudo o que meu corpo tinha vivenciado e experimentado, precisei me lembrar que sou um corpo passagem (Mendes, 2010), com diversas vivências e que meu corpo está em constante construção e desconstrução.

Para entender quem eu sou, precisei lembrar que eu sou esse corpo.
Com defeito e coisas a apreender.
Sou Corpo, Sou Poesia.
Sou Dança.
Sou Poesia que Dança,
Sou Corpoesia. (Alves, 2022).⁹

⁶ Uma turma de Dança contemporânea para adolescentes, onde tínhamos um estudo aprofundado em dança contemporânea com eixo na dança imanente.

⁷ A dança contemporânea é uma linguagem na dança onde nos permite explorar a dança de uma forma “livre”.

⁸ Moderno em Cena é um grupo com jovens adultos que inicia a criação em dança tornando a criação coletiva dando início a criações de espetáculo e se preparando para a Companhia Moderno de Dança.

⁹ Um poema autoral.

Corpoesia é meu trabalho que tratará da investigação do Corpo Poema, corpo que contará as suas histórias, trajetórias e vivências, ao qual denominei Corpoesia. Esta junção de dois substantivos: corpo e poesia, os quais me são claros. Este neologismo surgiu em meio ao caos, com a perda de sua identidade, meu corpo se viu em apuros. Então, por meio de poemas meu corpo se interligou com o seu mais profundo ‘eu’, assim ocorreu o entrelace da poesia escrita com a poesia dançada. Ao começar a escrever meus versos, me dei conta de que esse era um modo de reverenciar meu templo-corpoesia.

De acordo com o crítico, a poesia tem o poder de revelar tudo aquilo que está invisível (escondido) aos olhares do mundo estabelecido, o qual direciona sua visão apenas para a superfície do consumo, deixando de lado o próprio homem, suas “coisas” e “atos”. A isso se soma o poder de síntese da poesia que revela, em poucos versos, o que os textos enciclopédicos, sociológicos e psicológicos necessitam de inúmeras páginas. (Calvacanti, 2014, p.13)

Com o passar do tempo, a ligação da escrita poética e a poética dos movimentos foram se tornando um só e se interligando em todas as minhas vivências e experiências. Notou-se, então, o encaixe perfeito do meu corpo poema. Uma nova forma de expressar a minha dança e minha arte.

Quando me refiro a poema, é para distinguir que, este remete à estrutura em versos, que podem ter rimas ou não, podem ser versos livres, como os que costumo escrever. Quando falo de poesia, me refiro ao modo poético de escrever que, tanto pode ser em formato de poema ou de prosa, ou seja, é o conteúdo escrito que remete, necessariamente, a palavras ricas de significados, as quais suscitam ao leitor certa estranheza para entender a rica e plural poeticidade do texto.

Neste trabalho, ressalto a pesquisa do meu corpo em construção e minha imersão na dança contemporânea, o que levou o meu corpo a este momento, minhas trajetórias e por onde o meu corpo perpassou na dança. É uma pesquisa autoetnográfica, na qual pesquiso sobre minha própria experiência do Corpoesia. Esta pesquisa, em conformidade à linha de pesquisa: Pedagogia do corpo, do Projeto Pedagógico da Licenciatura em Dança conta com vários referências e autores da área da dança,

movimento, corpo e poesias, como Ana Flavia Mendes, Bene Martins, Sandra Meyer, entre outros.

Como o estudo parte de fragmentos de algumas das minhas poesias, uma das referências principais é a autoetnográfica, por ser um trabalho com foco da pesquisa no próprio pesquisado, tendo em vista cada momento e processo que o levou ao resultado da pesquisa. Essa metodologia teve base no texto, de autoria da Sandra Meyer: *Perspectiva autoetnográfica em pesquisas com dança contemporânea*. Esse texto traz a percepção da artista que é pesquisadora do seu próprio corpo. Como ela destaca “A etnografia e a autoetnografia permitem ao artista da dança associar a experiência do dançar a pesquisa acadêmica a partir de desenvolvimento de modos de investigação voltados às necessidades da prática artística” (Meyer, 2018, p. 01).

A pesquisa está em processo para ser apresentada, como trabalho de conclusão da Licenciatura em Dança, além desse referencial, utilizo referências de dança contemporânea e poemas próprios envolvendo interpretações com a dança, em laboratórios de experimentações e pesquisas do corpo, focando em como os poemas e poesias afetarão aquele corpo e de que forma ele introduzirá o poema na sua dança. Será válido ressaltar pesquisas acadêmicas com foco no corpo poema e em como o Corpoesia afetará as pessoas que experimentarem este exercício metodológico.

O início desta pesquisa se deu durante o ano de 2020, em meio à pandemia, quando percebi a solidão em mim, em meu corpo. Então, decidi pesquisar mais sobre as alterações que nele perpassavam e o que estava acontecendo. Percebi a imersa em meus poemas e a produção era diária, neles eu via uma saída. Saída para um lugar de experimentação, de pesquisa e de autoconhecimento. Tive, então, a ideia de juntar as poesias que estava produzindo, com as experimentações de dança que se iniciava.

Por um tempo me vi com um bloqueio, por não entender como iria funcionar a junção dessas duas linguagens então voltei a pesquisar mais sobre esse corpo e as transformações que nele perpassava. Me vi então em um limbo do não se reconhecer enquanto artista, nem como dançarina, tão pouco como escritora. Ao longo do processo me perdi e me encontrei, tentando de alguma forma encaixar os meus pensamentos dentro dessa pesquisa, por mais que a pesquisa viesse do íntimo do meu corpo.

Eu precisei fazer uma dessecação desse corpo, tive que adentrar no meu mais profundo “eu”, para poder me encontra. Dissecar e observar esse corpo com toda a sua instabilidade, sem deixar de admitir suas imanências e personalidades (MENDES, 2010), busquei esse caminho de observar e ver o que perpassa em meu corpo. A dança contemporânea me fez perceber o que a dança trazia para o meu corpo e como todas as minhas experiências me faziam ter uma história (não só na vida) na cena. A essência do meu corpo se manifestava através de movimentos e a dança contemporânea fez com que eu mostrasse, através da dança, a minha alma.

Não vejo um limite ou regras que me impeçam de criar na dança contemporânea, sei que nela posso envolver meus poemas e posso, dessa forma, dançá-los, como forma de arte, cena, poesia e dança. Como afirma Feliciano Marques, em um dos artigos publicados no livro, *Abordagem Criativa em Cena: Os múltiplos olhares da Companhia Moderna de Dança* de Ana Flavia Mendes “A dança contemporânea, portanto, pode ser definida como uma dança que possibilita a quebra de regras preestabelecidas, dando espaço para a liberdade de criação e da pesquisa no corpo.” (Marques, 2010, p. 96).

O meu corpo estará em processo de transformação e transcrição, portanto, nunca será o mesmo, sempre estará de passagem por vivências diferentes somando, assim, as experiências no meu corpo. Bene Martins no *artigo O corpo tem alguém como recheio*, afirma que “A dança lida com um corpo para além do aspecto biológico. Este corpo é um complexo constituído e em construção, de acordo com o contexto da época em que vive” (Martins, 2009, p. 2), nesse mesmo texto, a autora discorre sobre o corpo que dança e pelo que ele move.

O corpo que dança, não é algo deslocado de um espaço, de valores, de crenças e do imaginário individual e coletivo que permeiam a formação de todos os seres. O corpo dançante, como todos os demais, é movido pelo desejo e pelo imaginário que alimenta e o move, pois no início, era o movimento. (Martins, 2009, p. 2).

Desse modo, meu corpo tem a liberdade de expressão para mostrar sua arte, através da dança, poesia, cena, música, e em outros meios de fazer arte. O corpo é livre. Por entender meu corpo como espaço-morada da (trans) criação estética, interrompo a justificativa com um poema autoral.

Meu corpo, minha dança, minha poesia.
 No entrelace do meu corpo eu me entrego.
 No entrelace do meu corpo eu me desmonto.
 Com as poesias me sinto forte.
 Me sinto transformação.
 Com o Corpoesia me sinto “eu”,
 Eu me compreendo e me transcrio. (Alves, 2022).

Esse poema foi inscrito no ano em que decidi falar sobre o Corpoesia (tema esse denominado para minha pesquisa) no Trabalho de Conclusão de Curso, na Licenciatura em Dança. Foi marcante eu ter me encontrado em uma pesquisa sobre duas coisas que amo fazer, escrever e dançar, entrelaçar gestos a palavras, sentimentos. Poder entender e ver através dessa pesquisa que, desde o começo do meu ingresso na faculdade de dança, venho me cercado com poesias e danças.

CORPO MEMÓRIA

Ao puxar alguns fios de minhas memórias, inevitavelmente admito que a dança me escolheu desde cedo, e afirmo que “me escolheu”, porque vejo e sinto a dança como uma dádiva divina em meu corpo, em meu Ser, o meu mais sincero Dom. Quando criança, já havia certeza de que meu caminho seria permeado por gestos ritmados. Cresci com a dança, me construí, me desconstruí e me reconstruo todos os dias na e pela dança. Nos fios e nós da memória me conecto com o meu íntimo, (re)conto o que (re)lembro, transformando-o em versos e movimentos como meio de (re)elaboração do que veio à tona. Para complementar o que desejo expressar, trago uma citação do texto *Fragmentos de Estórias Amazônidas Memórias e Performance* de Bene Martins.

Nesse processo dialético da lembrança e do esquecimento, o recontar é intercalado, às vezes, por interrupções como se o fio da meada tivesse escapado naquele curto espaço de tempo; noutras vezes, o recontar é um fluxo, sem pausas para buscas de mais detalhes, é como se, na memória do contador de causos, estivesse armazenado um sem números de sementes, lá esquecidas, amortecidas e, de repente, algumas dessas sementes germinassem, depois adormecessem novamente para que outras também pudessem aflorar ao sabor das condições de recordar de cada um (Martins, 2021, p. 67-68).

Dessa maneira o que recordo – ponho de volta no coração – o expesso em palavras, movimentos e versos. Esse meu modo de me expor se torna porta voz dos

sentimentos percorridos em meu íntimo, num fluxo constante das lembranças que perpassam em pensamentos, fazem-se cena e poesia. Sendo eu e corpo o meu próprio narrador-codificador de estados físico-emocionais levados às cenas do corpo que dança!

A dança se mostra hoje para mim, em vários, aspectos, movimentos e criações. Antes, não observava quanto estava imersa na e pela arte e não entendia de onde vinha tamanha paixão, vontade e necessidade de dançar ou de simplesmente de me ver mergulhada no universo artístico. Hoje, vejo que a arte vem antes de mim, antes do meu pai e antes da minha avó, a arte faz parte da minha história e da minha família, passou da minha avó para meu pai, do meu pai para minha irmã e chegou até mim antes mesmo de nascer. Nem sempre compreendida mais sempre ali no entorno das nossas histórias.

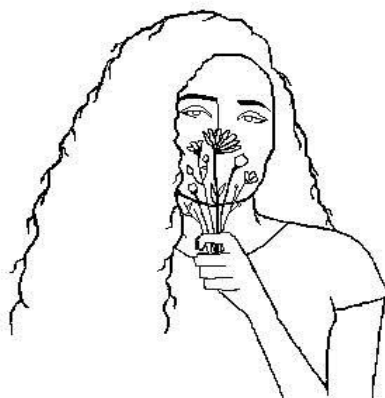
Corpo é memória e tudo que se passa em meu corpo vem das minhas mais diversas experiências e raízes. Minha trajetória se torna viva, em cada vez que lembro que não sou apenas corpo, sou narrativas advindas de meus ancestrais. No texto, de Roseany Fonseca, *Atravessamentos de um corpo-memória: o ato de criar como devir-lembrança*, a autora discorre sobre esse corpo que traz suas vivências e experiências para os campos da arte, sendo eles; teatro, dança, performance, entre outros.

O corpo configura-se como uma instância que produz memória; não apenas memórias físicas ou sensoriais, como também as memórias afetivas. Cada corpo possui uma história, uma origem – individual, familiar, social– às quais constituem-se como determinantes para a aquisição de suas trocas com outros corpos e com o mundo. Na arte, o corpo pode ser indutor de diversas possibilidades criativas, seja por meio do teatro, da performance, da dança, entre outros. Mas o corpo que produz arte, produz em um espaço – tempo – não apenas em um, como em vários. (Fonseca, 2021, p.194).

É assim que me vejo, como um corpo híbrido, capaz de absorver memórias que me desconstroem e me reconstroem, com atravessamentos de criação em meu corpo. Com os atravessamentos que pude ter a certeza de pesquisar, a relação mais profunda e sincera que seria/é perfeita. Poder sentir e ver a arte que me faz ir além. Diante disso, começo a falar de como a poesia surgiu em minha vida. Sempre amei ler, mas o meu gênero favorito era romance, daqueles bem clichês (às vezes, acho que todos começam com um desses), depois, comecei a perceber a facilidade que tinha de desenvolver histórias, contos e, às vezes, até me arriscava a escrever músicas. Mesmo sem entender ou nem saber escrever direto, amava a ideia de que eu tinha algo que ninguém mais sabia. Sempre me imaginei escrevendo livros de poesias.

Ainda no ensino fundamental, me arrisquei em escrever uma poesia na aula de artes e, com receio de expor o que eu escrevia, acabei não apresentando, passaram-se anos e já estava madura para entender que eu poderia mostrar o que me acolhia, quando estava me sentindo só e que poderia, de certa forma, confortar outras pessoas. A poesia me resgatava, assim como dançar me libertava e foi nesses momentos, hoje compreendo, que iniciou o florescimento do Corpoesia em minha arte. Com escritas que se interligavam com a dança e a dança que fazia mais sentido em verso.

Figura 1 - Arte criada para o blog Alucinância



Fonte: Marcyelli Souza

Criei, então, um blog chamado “Alucinância”, nele comecei a postar todos os meus poemas, poesias, versos e pensamentos. Antes de criar um blog, já havia um acervo de textos escritos por mim, comecei a me sentir segura e, assim, postei algumas poesias. Percebi que muitas pessoas se identificavam com o que escrevia. Continuei a escrever e notei que as coisas que eu escrevia eram experiências e percepções que tinha no meu ponto de vista e inspiração de outros autores. O início do blog foi no ano de 2019, trago então, meu primeiro poema postado no blog Alucinância;

O ser artista!
Ser artista é isso,
É casar com a tristeza.
Namorar a saudade.
Separar da tristeza.

Ter um encontro com uma música aleatória da sua playlist.
 Ser artista é isso.
 É dançar com a vida,
 Cantar com os problemas,
 Atuar com a distância
 E Desenhar os caminhos que na vida vamos percorrer.
 (Alves, 2019).

Durante essa trajetória, sempre imaginei como seria a junção de dança com poesia e me perguntava como isso funcionaria em meu corpo, já vivenciei pessoas dançando poesias, poesias de outros autores, em espetáculos de dança. Agora, como seria dançar a minha própria poesia? Essa era a pergunta frequente que fazia para mim mesma. E achava que nunca seria boa o suficiente para mostrar meus escritos desse jeito. Me enchi de muitos “serás?” e me distanciei do que realmente importava, ou seja, do que eu mais desejava, dançar minhas poesias. Compreendo que essa pesquisa, também, tem um percurso intersemiótico (Salles, 2018), onde utilizo meios como as palavras, gestos, sons e corpo para criar o corpo-poema e desenvolver o corpoesia.

No mesmo ano em que comecei a postar e escrever os textos, pude ter a experiência de dançar um poema em cena. Na cena, os bailarinos dançavam o poema “Amar” de Carlos Drummond de Andrade, enquanto duas bailarinas, Renata Alves e Iandra Moraes, andavam sobre cadeiras, uma ao encontro da outra. O poema foi citado no início do espetáculo, *Panela, Farinha e Mosca*¹⁰, espetáculo que falava sobre o grupo musical Novos Baianos, e o poema “Amar” na versão recitada pela atriz Marília Pêra. A dança foi proposta pelo diretor artístico e coreógrafo Ercy Souza e a coreógrafa Thamirys Monteiro. Apresentado, inicialmente, na mostra de dança do Espaço Companhia Moderno de Dança e, logo, em uma competição de espetáculos, na qual ganhou o 1º (primeiro) lugar.

¹⁰ Um espetáculo criado pelo grupo de dança Moderno em Cena, onde interpretávamos o grupo musical Novos Baianos e em como eles viviam em comunidade, através de gestos contamos um pouco de sua história.

Figura 2 - Cena do espetáculo *Panela, Farinha e Mosca*



Fonte: Valério Silveira

Esse processo foi de suma importância para entender o quanto o corpo e a poesia/poema estavam interligados, foi quando, pela primeira vez, me senti parte de um processo de criação, eu me via imersa e à vontade para propor e expor ideias. No Espetáculo *Panela, Farinha e Mosca* falávamos sobre viver em comunhão, partilha e amor. O grande desafio era como iríamos mostrar esse clima de união na dança, e em como transparecer isso nos palcos, contamos, então, com laboratórios de improvisações e conversas sobre nossas perspectivas na história dos Novos Baianos, quando vimos já estávamos imersos nesse processo e foi naquele momento que notei que o corpo ia além

de apenas dançar, mas através do corpo eu podia expressar amor, alegria, raiva, tristeza, partilha e diversos, outros, sentimentos.

Figura 3 - Momentos de partilhas e convivência para o espetáculo *Panela, Farinha e Mosca* do grupo de dança *Moderno em Cena*



Fonte: Ercy Souza.

Aquele momento foi decisivo e passei a me questionar em como a dança se fazia em meu corpo, qual era o disparador para que eu sentisse a dança. Vi que meu corpo contava histórias sobre minhas perspectivas da vida que, às vezes, tudo se fazia poesia e dança. Comecei a tentar entender o que o meu corpo queria dizer e o que queria dançar. Percebi que a improvisação era um caminho agradável a seguir, através da improvisação, eu percebi que meu corpo conseguiria se expressar melhor. A improvisação produz, entre outras sensações, conexões vibrantes entre o espaço, o público e o bailarino.

Para Philippe Decoufflé, o risco é uma necessidade para a dança e é um extraordinário poder para o homem. Na dança o artista procura o risco dos efeitos mágicos, superiores as leis ordinárias que podem criar uma ilusão, um sonho. (Lacince; Nóbrega, 2010, p. 248).

A citação acima interliga a improvisação na dança com sentimentos íntimos, já que envolve sentimentos e preparo físico e, exposição ao que virá, naturalmente, pois para expressar os sentimentos mais íntimos nos colocamos em uma zona de risco, sem saber o que esperar. Na dança contemporânea improvisada é assim, você se põe em uma zona de risco por não saber o que de fato irá passar para o público, de que modos nossa apresentação será recebida pelo expectador, nem podemos prever as nossas reações, o que sabemos é que, a cada (re) apresentação, nossas concepções de vida e de dança são alteradas para melhor. Na arte e, especialmente em dança, temos o poder de entender de diversas maneiras, algo que é único e, ao mesmo tempo, variável. O artista se propõe e se expõe ao risco e esses momentos de incerteza são fundamentais para o constante aprendizado de quem dança, seja nos palcos, seja na vida!

A (RE)DESCOBERTA DO CORPO

Ao começar na Dança Contemporânea pude, de fato, me encontrar. Havia feito alguns anos de Dança Clássica e meu corpo já não se (re)conhecia como artista\bailarina\dançarina. Foram exatos 08 anos me sentindo inadequada para praticar a dança que fazia parte de mim, mas não nesse estilo, precisava descobrir a minha dança. Em 2016, comecei a fazer dança contemporânea e sentia que aquele era o meu lugar, compreendi que dançar é vivenciar tudo que expresso nas minhas partituras corporais, nas minhas movimentações, e que esta seria-é a minha dança imanente (Mendes, 2010), nos termos da pesquisadora Ana Flávia Mendes.

A Dança Contemporânea possibilita a experimentação do corpo com outra linguagem, uma delas é a escrita poética, que pode se fazer manual ou corporalmente, a qual nos permite explorar e extrapolar os meios de se fazer dança (Ferreira, 2012). Nesta dança há liberdade para experimentações do corpo com outras técnicas e vivências. Com a dança contemporânea pude me encontrar e me entender diante dessa pesquisa, tendo a liberdade de caminhar por diversas experiências e partituras corporais

na dança. Possibilitando o meu corpo viver a dramaturgia da dança incorporada, nas poesias e na dança, propriamente dita. Na dança contemporânea, posso navegar por lugares inimagináveis no contexto humano, posso me transcrever em gestos e poesias, posso me render a afetos, posso me levar por continentes esféricos do meu próprio eu. Como afirma o poema, *A Dança e a Alma*, de Carlos Drummond de Andrade.

A dança? Não é movimento súbito gesto musical
 É concentração, num momento, da humana graça natural.
 No solo não, no éter pairamos, nele amaríamos ficar.
 A dança-não vento ramos seiva, força, perene estar
 Um estar entre céu e chão, novo domínio conquistado,
 Onde busque nossa paixão
 Liberta-se por todo lado...
 Onde a alma possa escrever suas mais divinas parábolas
 Sem fugir a forma de ser por sobre o mistério das fábulas
 (Drummond, 1964)

A dança de alma, nossa dança imanente, aquela que nosso corpo pode expressar, nos faz flutuar e caminhar pelo divino imaginário, é o extraordinário sentido por quem dança. A dança apresenta pegadas genuínas, para contar histórias narradas em e pelos gestos, ficções, criações, ou seja, a dança sugere uma aliança entre as subjetividades e as possibilidades do corpo que dança, neste estudo do corpoesia.

As possibilidades dos processos de criações em dança são constituídas por laboratórios e experimentações do próprio corpo, reflexos de vivências extraídas deste mesmo corpo. Desenvolvendo, assim, questionamentos do mesmo, tornando o artista criador e reproduzidor do seu processo de criação. Despertando um olhar artístico na sua contemplação (SOUZA, 2014), em criar e fazer dança.

Figura 4 - Primeira foto feita para o Corpoesia, capa do vídeo com o poema Adeus, autoral.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

O Corpoesia nasce desses caminhos e possibilidades de se fazer dança, com estudo de técnicas e poesias. Trago para compor a pesquisa a improvisação estruturada, que é um método de movimentações corpóreas espontâneas que proporciona a criatividade, organicidade e expressividades. Que conduz a pessoa a experimentar, gradativamente, cada movimentação, liberando esse corpo das suas maiores limitações (Passos, 2012). Tal liberação induz o corpo ao exercício da improvisação.

A improvisação permite nos conectar com o nosso mais profundo “eu”, aflorando sentimentos na e pela expressão corporal. Ao assumir a dança à poesia, afirmo por experiência, que essa junção nos desperta as mais diversas emoções, nos dando a possibilidade de expressar essas emoções dançando. E na junção de duas linguagens poéticas, consigo expressar os meus sentidos em uma dança improvisada, com conceitos se interligando entre o escrito e o dançado. Vindo de um corpo imerso na e pela poesia e ritmos dançados. Como afirma Júlia Passos, no artigo, *Processo Criativo em Dança: Improvisação, Corpo e Memória*. “As improvisações estruturadas podem ter também um caráter formativo e libertador, sendo uma ferramenta para desenvolver as suas potencialidades criativas e expressivas”. (Passos, 2012, p. 5).

Minha relação com a dança completou 16 anos e, em todos esses anos, eu percebo que a dança se mostra para mim de várias formas e aspectos, sinto que me descubro todos os dias. Dançar me amadureceu e me fez ter responsabilidades. Descobrir onde eu me encaixava

foi meu maior desafio, mas entendi que o desencaixar, também, faz parte do processo de reconstrução e que esse processo é ininterrupto, sempre haverá algo a mais para aprender e expandir as habilidades corporais.

Figura 5 - Foto de uma das cenas do espetáculo *Panela, Farinha e Mosca*.



Fonte: Valério Silveira.

Meu corpo se descobre e redescobre todos os dias, hoje, sei que eu sempre estarei em completa construção e desconstrução. Descobri em mim a possibilidade de dançar, de ter múltiplas faces e múltiplas danças, não estou em uma caixa. Me expando para todos os lados, querendo sempre algo novo. Nunca serei apenas um corpo ou uma dança. Eu sempre estarei em (Mu)Dança.

AÇÕES DO CORPOESIA EM CENA

O engajamento do corpo influencia na ação de criar novas possibilidades de dança para a cena (Lacince; Nóbrega, 2010), tornando-se essencial para a liberdade gestual do corpo em cena, a relação com o espaço, público, sentimentos e ações modifica a performance do artista em cena. Tendo em vista, que o “corpo-poema” não será o mesmo ao recitar a escrita coreográfica, em momentos ou ambientes diferentes, entendendo que o corpo, objeto de criação, se modificará e não será o mesmo do dia anterior.

A ação coreográfica deste corpo se modificara, a cada vez que a mesma for repetida. Compreendendo que a essência se altera a cada repetição de cada gesto corporal, será passada uma mensagem diferente da anterior, trazendo para a cena cada

vivência e sentimento naquele momento da prática dançante. Considero este um corpo aberto, capaz de introduzir nos seus gestos maneiras diversas de se fazer dança.

Figura 6 - Momentos de Experimentações no corpo.



Fonte: Awâzonia.

O texto *Corpo, Dança e Criação: Conceito em Movimento*, de Nelly Lacince e Terezinha Nóbrega, demonstra que a tríade, corpo, espaço e improvisação traz um risco para a composição coreográfica, sendo ela efêmera, instantânea e vibrante entre os intérpretes, o espaço e o público. Neste momento, ao se produzir dança introduzimos metodologias distintas das já utilizadas por bailarinos. Com exercícios distintos, uma outra maneira de se fazer dança, tende-se a encontrar muitos obstáculos, mas a dança traz consigo uma alusão à “magia”, onde podemos transcender em um espaço tempo. E tornar o novo em algo real para quem dança.

Criar momentos de magia para surpreender o público que, ao olhar sua obra, pode sentir-se como uma criança que olha admirada para o circo, mas que nada pode explicar. O artista cria uma sensação não restrita ao espaço cênico ou ao corpo dos bailarinos, mas que afeta o público. (Lacince; Nóbrega, 2010, p. 248).

Neste texto, desejei demonstrar que, a partir desses atravessamentos, trouxe alguns questionamentos para essa pesquisa, para envolver a poesia na dança e a dança na poesia, pensando em emanar a mesma mensagem no corpo e na fala. Foi então que pensei, se ler poesia é algo tão genuíno por que não dançá-la? Essa primeira indagação me fez perceber que meus pensamentos flutuavam e já não me cabia guardar essa ideia, precisava demonstrá-las no meu corpo, precisava experimentar e criar, a partir desse disparador, para que pudesse compreender e energizar essa proposição neste corpo, que dança e escreve. No texto *Corpo, Dança e Criação: Conceitos dos movimentos* de Nelly Lacince e Terezinha Nóbrega, as autoras afirmam que “A arte e a percepção do artista sobre sua obra nos oferecem uma possibilidade para compreender a performance humana.” (Lacince; Nóbrega, 2010, p. 241). Desse modo, entendo que a experimentação nos ajuda a criar, como uma melodia dançante.

Trago para dialogar um trecho do artigo *E...5,6,7,8:A dança continua* do livro *A Dança não se vê* de Marcilio Vieira, sobre as perguntas na dança contemporânea e em como isso implica na criação em dança;

Nas palavras de Thereza Rocha, dança contemporânea é um estilo de dança que faz perguntas o tempo inteiro, pelo simples fato de não ter resposta fechada para o que é e nem para o que deve ser (ROCHA, 2016). Ou seja, é uma dança que não quer e nem precisa ter (neste momento) uma definição, pois está ainda no seu processo construtivo. (Vieira; Souza; Alves, 2019, p. 42)

Trago essa afirmação que se assemelha com as experimentações que são propostas no decorrer da pesquisa, a qual me faz compreender o porquê do corpo que habita a Dança, se desenvolver com mais fluidez através de perguntas propostas por mim, para serem respondidas em meu corpo. Interligando a improvisação desse corpo poema, corpo dança. Se tornando a melodia com batimentos viscerais em mim.

A dança se faz em mim como um soneto, ora triste, ora feliz e, às vezes, singularmente incômoda, no sentido de me instigar a buscar sentidos nos meus escritos e na minha dança. E as perguntas foram surgindo numa espécie de ápice de “liberdade” com meu corpo. Como seria se meu corpo estivesse dançando e lendo algo triste? E se eu estiver em êxtase com algo como ele se comportaria? Será que a dança também consegue entender a euforia de uma leitora? Dessas perguntas surgiram muitos

pensamentos, que me fizeram entender que este corpo, que reproduzia o que acabara de ler, era TUDO e, ao mesmo tempo, NADA, ou o nada que é tudo, numa referência à definição de mito, de Fernando Pessoa. Ouso aliar este tudo que é nada e vice-versa, aos nossos estudos sobre dramaturgias da dança que, por ora, não apresentam apenas um conceito definitivo, porque, talvez somente um não daria conta da riqueza de possibilidades de criar em dança.

DRAMATURGIAS DO CORPO

Ao começar a estudar sobre dramaturgias da dança, as primeiras aulas no grupo de estudos do projeto de pesquisa: Dramaturgias da dança e estudos do corpo, coordenado pela professora Bene Martins, da Faculdade de Dança-UFPA, me levaram a um lugar que meu imaginário, até então, achou não existir, pensei por muito tempo que dança era apenas movimentos e gestos. E que poemas, prosa, poesia e versos eram só um compilado de uma escrita mais dramática, escancarada e amorosa. E a dramaturgia da dança me fez entender que eu posso me transformar em narrativa poético-dançante. Ao perceber a dança como expressão poética do corpo, vislumbrei outros meios de se fazer dança e outras maneiras de se ler poesia. Daí advém o corpoesia.

Esse estudo abriu novas possibilidades, para mim, de se pensar no “Corpo-Criação”, corpo com intuição criativa, capaz de se adaptar a criações distintas, transcendendo sua corporeidade na dramaturgia e na Dança Contemporânea. Trazendo a relação da corporeidade e compreensão na dinâmica do corpo pela ficção na produção em dança (Braga, 2018). A escritora Paola Secchim Braga traz no texto “Dramaturgia do Corpo”, a compreensão de que a dramaturgia na dança nos faz pensar para além do que podemos ver, ouvir e falar. Nos faz pensar no que sentimos através de gestos transversais e dinâmicos no corpo.

Logo, compreendermos a dramaturgia não mais como uma dramaturgia da dança ou do corpo, mas sim como uma dramaturgia no corpo, criada, ficcionada, elaborada e compartilhada no corpo e a partir dele. Propomos pensar uma dramaturgia encarnada, ficções possíveis de compreensão somente se pensadas a partir da corporeidade dançante e de seus estados de corpo (Braga, 2018, p. 8).

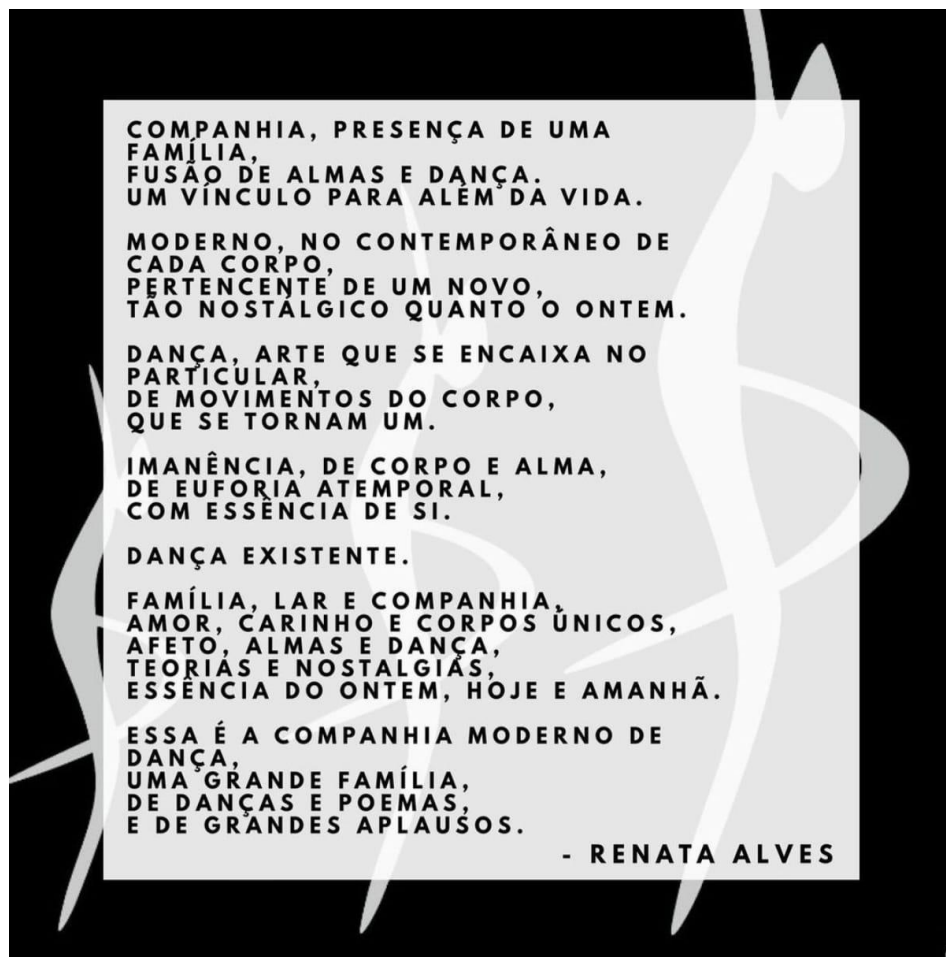
Amparada por essas concepções, interligo com o corpoesia, trago o pensamento de ficção dos poemas/poesias e em como podemos encarnar essa escrita no corpo, compreendendo todas as vivências que este corpo traz consigo. Exercitando, assim, o entrelace da escrita com a dança e tornando real a dramaturgia no corpo que dança, com a proposta de estar em cena com o corpo encarnado na prosa que se lê e se expressa em gestos dançantes, de modo que o público-leitor perceba o corpo e os gestos como texto poético.

O Corpoesia se construiu em meio a pandemia no ano de 2020, se interligando com os sentimentos que afloravam em meu corpo. Digamos que em meio ao caos, eu conseguir ressurgir com a arte que habitava em mim, conseguir entender o que meu corpo falava e, na época, ele pedia por arte, produção e criatividade. Foi então que, ouvindo a inquietação do meu corpo pude ver para além do “óbvio”. Por que não dançar o que escrevo? E foi aí que me lembrei de um poema que tinha escrito no início da pandemia chamado “ADEUS”, esse poema eu escrevi quando estava imensamente triste e com o coração partido, para curar essa dor, a transformei em versos. E, então, decidi dançá-la, para entender o que meu corpo queria passar, posicionei uma câmera e gravei, gravei o primeiro vídeo com a minha voz recitando o poema que tanto me feriu, e foi ali que vi que a dança podia me curar mais ainda. Pensei em qual nome dar para essa produção e interliguei a Poesia com o Corpo, assim surgiu o CORPOESIA.

Entendi, então, como meu corpo se manifestava através de um sentimento mais profundo e em como se tornava poesia na dança. O Corpoesia se torna algo genuíno que proporciona ao corpo uma bela caminhada pela Dramaturgia da Dança. Nesse processo, pude compartilhar a minha vivência na Dança Contemporânea e na Imanência (Mendes, 2010) do meu corpo. Percebi que precisava transformá-la em documento e foi aí que decidi fazer essa pesquisa, encontrar autores e gestuais outros para relacionar à minha pesquisa. Já estudava sobre a dança contemporânea e nas minhas pesquisas universitárias sempre citava a Dança Imanente (Mendes, 2010). E foi pelo conceito de dança imanente que percebi que tudo pode vir a ser dança. O corpoesia se faz por diversos atravessamentos e transcriações do corpo, o corpo que dança não tem a dança, mas é a própria dança. Me vejo como criador e criatura, tendo em vista que os processos são criados e vividos por mim.

Na cena de dança em Belém-PA, tive muitos incentivos para produzir o Corpoesia. Um desses incentivos foi a Companhia Moderno de Dança (CMD), que pediu para escrever uma poesia, durante a pandemia, me deixando livre para escrever sobre qualquer tema, para postarem nas redes sociais, muito entusiasmada, escrevi um poema sobre o que me remetia o sentimento de companhia e o que a CMD despertava em mim. No início fiquei confusa e com várias ideias, então decidi escrever o que mais sentia quando ouvia falarem da Companhia Moderno de Dança e escrevi sobre: Companhia, Família e Dança. Tudo o que a CMD significava na minha vida, na minha profissão e enquanto artista.

Figura 7 - Poema criado para as redes sociais da Companhia Moderno de Dança.



Fonte: Rede Social, Instagram, da Companhia Moderno de Dança

Os estudos sobre dramaturgia na dança despertaram a criação do vídeo recitando e dançando os meus poemas, pensando em como faria as movimentações do corpo e como leria os versos em cena. Gravei alguns esboços para compreender o que eu queria transmitir com a vídeo-dança. Publiquei, então, a minha primeira vídeo-dança, tendo como fundo o poema recitado por mim, o poema escolhido foi o “ADEUS” que deu origem ao Corpoesia.

[...] Eu preciso ficar só, sem sua confusão
Sem suas indecisões e sem suas dores.
Eu preciso me viver, me amar
E te esquecer. (Alves, 2020).

Esse momento de criação e experimentação me fez compreender como levaria o Corpoesia adiante e trazer o ‘eu’ para a cena e destrinchar as memórias e vivências deste corpo, corpo-poema. Confesso que, embora feliz com a experiência e os exercícios poéticos escritos e colocados em gestos, estou ciente de que estes foram os primeiros passos para o aprofundamento dessa busca para encontrar relações mais densas entre letra-corpo-voz-gestos-dança. As leituras e criações serão ininterruptas para a construção de outros processos criativos, os quais trarão o meu corpo poema para outros espetáculos.

CORPOESIA

Ao optar pelo termo corpoesia, encontrei a palavra que reúne poema que se transformou em dança, corpo que se transformou em poesia, o Corpoesia se deu pelo entrelace perfeito do escrito com o dançado. Na cena, o encontro da vida e da vivência, a liberdade de se encontrar e desencontrar está presente em todos os aspectos da arte de se fazer dança. Atravessamentos e experiências transcriados na arte de dançar o poema da vida.

Ao me dispor a estudar a relação Corpoesia, naturalmente, preciso entrar na dança contemporânea, porque esta agrega outras linguagens, neste estudo, a poesia escrita por mim e experimentada no meu corpo dançante, ou seja, na minha dramaturgia corpórea. Porque recorrer a poesias escritas por mim é recorrer à dança que me

atravessa, trazendo a contextualização do processo em dança e em como essa pesquisa se constrói.

O corpo que é tudo e ao mesmo tempo nada, corpo dança, mas que também é poema. O corpo que dança sua poesia. Na dramaturgia da dança, pude compreender e estabelecer um papel ao meu corpo, que se transcreve de diversas formas, sejam elas dançando ou escrevendo. Compreender que esse corpo não é apenas da dança ou da escrita, mas sim na dança e na escrita (Braga, 2018) ele também faz parte da pesquisa e não é apenas um elemento cênico em cena. O Corpoesia se encontra e se desencontra nessa pesquisa, pois se desencontrar é assumir o processo criativo em curso. (Silva, 2019) no corpo.

Recriar a realidade ou a própria abstração, enquanto função estética da arte, abordando suas especificidades no tratamento concedido ao gesto na dança é o enfoque deste capítulo. Na abordagem que aqui se apresenta, pretendo esclarecer, com base nos conceitos de gesto virtual (Langer, 1980) e conversão semiótica (Loureiro, 2002), o processo de transfigurações gestual do prático ao artístico. (Mendes, 2010, p.124)

Assim, expus parte dos meus escritos com a finalidade de demonstrar meus anseios colocados em letras e transfigurados em gestos dançados, os quais provieram das mais variadas técnicas e estudos para exercitar e entender as partituras corporais que meu corpo expressa em habilidades, antes desconhecidas, as quais, uma vez exercitadas se impõem como possibilidades de experimentar outros ritmos, outros modos de dançar. Neste estudo, o corpo atravessado pela inspiração poético-dançante que me (des)compõe, como bailarina, como professora de dança, como ser humano ciente de quanto preciso pesquisar para aperfeiçoar minha dança em diálogo com outros corpos.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Paola Secchin Braga. Dramaturgia no corpo. **REVISTA POIÉISIS**, v. 19, n. 32, p. 121-134, 2019. <https://doi.org/10.22409/poiesis.1932.121-134>

CALDEIRA, Solange. Dança: do Movimento Puro à Dramaturgia Corporal de Pina Bausch. **Mimus - Revista On-Line de Música e Teatro Físico**, ano 1, n. 2, 2009.

CALVACANTI, Luciano marcos dias. Poesia, **O QUE É E PRA QUÊ SERVE?**, Luciano Marcos Dias Cavalcanti RREECCOORRTTEE– revista eletrônica ISSN 1807-8591 Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso / UNINCOR V. 11 - N.º 1 (janeiro-junho - 2014)

FERREIRA, Alexandre. Intérprete- Criador na Dança Contemporânea: Um Corpo Polisenico e Co-Autor. In: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 2., São Paulo, 04-06 de julho de 2012. [Anais ..]. São Paulo: Anda; Universidade Estadual Paulista, 2012.

FERNANDES, Ciane. **Entre escritas performativa e performance escrita: o local da pesquisa em artes cênicas com encenação.** Publicado em 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Diretoria%20Carol/Downloads/1607-Texto%20do%20artigo-4909-1-10-20180517.pdf> . Acesso em: ago. 2023.

FONSECA, Roseany Karimme Silva. Atravessamentos de um Corpo-Memória: o ato de criar como devir-lembrança. **Linha Mestra**, v. 15, n. 44, 2021.

LACINCE, Nelly; NÓBREGA, Terezinha Petrucia. Corpo, Dança, Criação: conceitos em movimento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, p. 241-258, julho/setembro de 2010.

MARTINS, Bene. O corpo tem alguém como recheio. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, p. 31-41, 2009.

MARTINS, Bene. **Fragmentos de estórias amazônidadas: memória e performance.** [Recurso eletrônico] Belém: PPGArtes/UFGPA, 2021. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/964>.

MEYER, Sandra. Perspectivas autoetnográficas em pesquisas com dança contemporânea. In: CAMARGO, Giselle Guilhon Antunes (Org.). **Antropologia da Dança IV**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 65-74.

MENDES, Ana Flávia. **Gestos transfigurados: a abstração do cotidiano urbano nos processos de criação e encenação do espetáculo metrópole.** São Paulo: Escrituras, 2010- (Coleção Processos Criativos em Companhia; v. 1)

MENDES, Ana Flávia. **Dança imanente: uma dissecação artística no corpo no processo de criação do espetáculo Averso.** São Paulo: Escrituras, 2010- (Coleção Processos Criativos em Companhia; v. 2)

MENDES, Ana Flávia. **A abordagem criativa em cena: os múltiplos olhares da companhia moderno de dança.** São Paulo: Escrituras, 2010. (Coleção Processos Criativos em Companhia; v. 3)

PASSOS, Juliana Cunha. Processos criativos em dança: improvisação, corpo e memória In: CONGRESSO DA ABRACE, 8., Belo Horizonte, 2014. [Anais ...]. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SALLES, Cecília Almeida. Redes de Criação: construção da obra de arte. **Horizonte**, v. 2, p. 211, 15 junho 2018.

SALLES, Nara; MONTEIRO, Felipe Henrique Oliveira. A dança contemporânea no corpo diferenciado e a poética de Antonin Artaud. **Dança**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 54-67, jul./dez. 2012

SOUZA, Paulo Henrique Alves de. Dança contemporânea: percepção, contradição e aproximação. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, 2013.

SOUZA, Ercy Araújo de; MENDES, Ana Flávia de Mello (orientadora). **Transcrição Artista: liberdade em voo**. Belém - PA; Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-graduação em Artes; doutorando; bolsista da CAPES. Dançarino e coreógrafo na Companhia Moderna de Dança, 2014.

SILVA, Juanielson Alves. **Replantação: tradução intersemiótica em uma pesquisa em dança**. Belém do Pará: Universidade Federal do Pará; Instituto de Ciências das Artes; Programa de pós-graduação em Artes da UFPA; Mestrado Acadêmico em Artes; Ana Flávia Mendes Sapucahy. BolsistaCAPES, 2019.

VIEIRA, Marcelo Souza. **Dança que não se vê** [recurso eletrônico] / Organizado por Marcílio de Souza Vieira. – Natal: EDUFRN, 2019. 247p.: 1PDF